



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI.—N.º 394—Preço 1\$00
18 DE ABRIL DE 1959

Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa



Hoje são só cartas. Cartas vindas há pouco e que estão à espera de resposta. A tinta que as escreveu é feita de sangue. O assunto de que tratam é sangue também. Crianças inocentes a pagar culpas.

Eis a primeira: «Foi V. que teve a iniciativa de retomar o glorioso facto do saudoso apóstolo Padre Américo que tão galhardamente empunhou, o calamitoso problema dos «filhos sem pai».

É muito triste termos de confessar que foram países revolucionários e ateus que até agora deram cabal solução ao problema por forma tão cristã e humana que deveria fazer corar de vergonha, se ainda a tivessem, todas as nações católicas do mundo, que pouco ou nada têm feito para tal fim.

Decerto V. não ignora o que a tal respeito está estabelecido nesses países, que acabaram com a tremenda injustiça da desigualdade entre filhos, pois todos ali têm os mesmos direitos da lei.

Logo que nasce uma criança sem pai, as autoridades competentes não descansam enquanto não descobrirem quem ele seja.

Toda a gente sabe, portanto, que actualmente o problema é fácil de resolver com toda a segurança e sem injustiças para quem quer que seja.

O que não é justo nem humano, nem cristão, é que seja a criança inocente a única a pagar as anseiras dos pais».

Vejamos a confirmação: «Há aqui na freguesia uma demente de sua profissão mendiga, a quem um malvado há anos pôs um filho nos braços.

O pequeno tem sido criado com ela pelas portas e não é anormal, embora deva sentir-se da «educação» recebida.

Agora a mãe foi levada para o hospital a deitar sangue pela boca e diz-se que ia tão mal que não voltará.

Não há ninguém mais pobre que este pobre garoto de dez anos, agora para ai abandonado — a demente não tem irmãos, nem pais, nem família.

Vem outra: «Temos no nosso Jardim Infantil um miúdo de quatro anos, cuja cédula de identidade indica o nome de Coimbra e a mãe, a roçar pela anormalidade, esteve alguns anos no Refúgio da Rainha Santa.

Vive em companhia de uma pobre velhinha e colocou-se em grande perigo. É necessário in-

ternar a mãe. O Sr. Padre pode receber o pequenino entre os seus gaiatos?».

Mais outra: «Encontrei numa escola do Bairro um garoto de treze anos na terceira que foge da escola e rouba.

O menor é filho de uma prostituta que o entregou aos quatro meses e deixou de pagar. Vive fora da cidade e tem outro filho já internado na tutoria. As pessoas que se encarregam do menor são pessoas de idade, de pedir, de vinho e de pau. É mais um vadio e um futuro ladrão.

É bem triste a sorte das crianças a cujas mães a sociedade chama perversas, delinquentes e que são somente infelizes, vivendo em meios que desconhecem ou repudiam valores morais!»

Ainda mais: «Senhor Padre eu sou uma mulher da vida de prostituta sem família que me possa ter os meus dois filhos um que já vai para os doze anos e outro para nove eu não lhe posso dar educação devida, devido

à vida que levo, de coração lhe peço e por Deus Nosso Senhor para me valer nesta aflição de mãe infeliz que quer ver os filhos numa vida clara e não de vadiagem para me fazer o milagre de os meter na Casa do Gaiato em que eu terei a certeza que aí saírem uns homens de carácter puro e trabalhador. Mais uma vez vos peço por tudo quanto mais o vosso coração amar que é a Deus para ter compaixão dumha mãe que apesar de ser para só deseja o bem para os seus filhos. Sem mais agradeço-lhe de coração o que possa fazer por dois inocentes sem culpas de nascer na vida do pecado: Esta que lhe pede a benção e que respeita acima de tudo as Leis de Deus e que nunca perde a fé de dias melhores e mais claros».

Que cada um de nós, se não puder fazer mais nada, caia de joelhos e peça perdão a Deus de viver numa sociedade onde tudo isto é permitido.

P. S. — Quando esta chegar aos olhos dos queridos leitores, começo eu a pedir nas igrejas de Coimbra para as casas dos Pobres da cidade.

Padre Horácio



VARANDA de Beira

O Calvário surge logo à entrada da quinta bem exposto, com as suas casas emolduradas no verde sujo do pinhal. Contrariando-as pela direita, a estrada escurece por largo espaço sob a copa leve dos pinheiros, subindo primeiro para logo descer em rampa suave, acabando por nos enfiar numa ramada monumental e extensa. Os metros passam. As vides novas ensaiam braços vigorosos trepando verticais. Os esteios sucedem-se, no termo destes abre-se franca pradeta, onde a água canta em fontanário antigo. Estamos à vista da Casa do Gaiato. Os horizontes aqui são mais vastos. A capela românica à esquerda de quem chega. Um pouco atrás as oficinas. Em frente as casas de habitação ligadas por varanda secular. Escadas de granito conduzem-nos a ela. Das varandas moradias da Quinta da Torre, somente resta a varanda onde nos encontramos

a contemplar os campos que a rodeiam. A nossos pés as instalações agrícolas, com o beirão e a eira anexa, abegoaria, aviário, padaria e celeiro. A contrução granítica tem cunho característico e dá graça inconfundível ao conjunto.

A poente esboça-se o campo de jogos, onde os rapazes com padiolas vivem horas afegantes. Uns cavam, outros enchem e carregam a terra. Ao meio do percurso, paragens. O da vanguarda sente-se cansado. O companheiro, por deferência, precede de igual feito. Cavaqueiam ambos. Entretanto o chefe repara e ralha. A tarefa prossegue. Momentos decorridos e o Brasão pequenito está posto em descanso. O Júlio reclama andamento. Aquele finge não escutar. Temos a vara ao alto. Mas não é preciso avançar, porque a caravana das padiolas retoma o compasso.

Ao fundo a vessada. O trigo cresce prometedor. Mais além rebenta a erva onde os dela ajelados cegam para o gado o manjar apetitoso. A terminar a quinta seguem-se velhas carvalhas. Logo atrás espreitam povoados. Ao longe montam as serras a perderem-se na tarde cinzenta. Voltando-nos para Sul, mais campos. Viceja aqui em leiras o centeio. Ali desponta o pomar. Em meio deste, rancho de rapazes a braços com a sementeira da batata. Enquanto que os bois lavram, rapazes ajoitam os regos. Uns lançam o adubo, outros cobrem-no. E a semente esconde-se na terra macia para a reprodução. Assim se cultiva proveitosamente a terra e educam no trabalho os homens de amanhã. No pomar jovem ainda sorriem duas laranjas doiradas, a pouca altura do solo. Anda por ali tanta gente, — tanto rapaz novo, que as mira e a quem cresce, ao vê-las, águia na boca. E ó tempo que ali estão dependuradas aquelas laranjas! O Símbolo que elas não representam! Exigência suave ao domínio da vontade. Confiamos.

Por toda a parte o rumor. As crianças cantam e saltam alegres como pássaros em dias de primavera. As melodias ecoam em todos os lados. Nas casas acompanham as escovas raspando os pavimentos. Nos jardins o arran-



SETUBAL

Contaram-me, há tempos, que em certa casa de recolhimento de orfãos, onde se encontram muitos menores ao cuidado de quase um terço de funcionários, se passou o facto seguinte: — Surgiram suspeitas de furto de algum material escolar, feito por um rapaz de 12 anos. Imediatamente se instalou um processo e, ou por burocracia ou por praxe, o dito ia já nos quarenta e tal papeis «embelezados» com chancelas, assinaturas e rubricas quando chegou também às mãos dalguém que depois veio desabafar comigo.

Isto é de entristecer, de magoar. Eu conto-o só por desabafar também; não por gosto de criticar desprestigiadamente instituições que nos merecem respeito, até pela dignidade, mas com dor pela criança abandonada, agora perdida numa floresta de funcionários que, por não terem, talvez, mais que fazer, passam a vida a complicar vidas, a desabrochar em ânsias de caminhos

largos, direitos, sem entaves nem curvas.

O funcionário olha para a criança ou rapaz como o operário para a sua ferramenta. Estuda-se tanta psicologia e tanta pedagogia e fazem-se tantos testes e pesam-se os menores, tantas vezes, em certo tempo(!), mas quê(?) — são mercenários e o mercenário não conhece as ovelhas e, o que é pior ainda, aquelas desconhecem-nos. Se fossem pastores conhecê-las-iam de perto. Colocariam o ouvido ao bater certinho do seu coração e adivinhariam depressa os segredos que ele esconde. Mas não, põem-se de longe a observar os papeis, a amontoar chancelas e a aterrozar o «Número tal» com o juízo que lhe está iminente.

x x x

Cabanas foi em Outubro a tribunal por ter descubiado a sua obrigação. Este, no rigor da sua simplicidade e na justiça emersa do parecer comum, achou por bem destro-

nar o réu do cargo de «chefe dos miúdos» e condená-lo a um período mais ou menos longo de lavagem da louça na copa.

Cabanas baixou a cabeça, reflectiu, disse do seu parecer acerca da justiça da sentença e calou-se. Nós ficamos à espera.

O leitor assíduo às novas de Setúbal deve lembrar-se ainda das referências feitas a este juízo pelos cronistas estudantes.

Cabanas deu-nos a maior lição do valor dumha sentença justa aceite por um espírito justo. Reagiu. Fez a copa com desembaraço e limpeza. Tendo-se perguntado, em Dezembro, quem queria assumir a responsabilidade do cuidado do rebanho, Cabanas levantou-se — que ele.

Todos os dias me faz a cama e limpa o quarto e escritório. Aos sábados e domingos de venda é vendedor e na escola prepara-se para o exame de quarta classe e admissão ao Liceu. Tem onze anos.

Outro dia foi comigo ver a mãe. Uma anormal que vive numa cabana de tijolo com outro filho mais novo que o agora meu. A mãe pede que lhe leve também o outro. Que CONTINUA NA QUARTA PAGINA

Páscoa

da Ressurreição

Uma cama, genuflexório, uma mesa simples, uma bacia. Crucifixo e uma fotografia de Pai Américo. Nisto se resume a cela que nos reservaram no Convento de Singeverga.

A pancada certa do relógio. O sol a entrar pela janela como que a medo. A paz e quietação da natureza que nos rodeia. Monges que se cruzam atarefados, para a preparação da Quinta Feira Maior!

A atmosfera está carregada. Não demorará muito a visita da chuva. Aparece o Rev. P. e Prior e Monsenhor Pereira dos Reis pela mão do Frei Simeão. D. Florentino sobe os degraus do altar para a celebração do Santo Sacrifício. Jesus está ali. A Mãe também. A Corte Celeste não falta. Também o Snr. Padre Carlos. Os irmãos de Paço de Sousa e de todas as famílias da nossa comunidade que se unem mais neste dia de sacerdócio!

«Nós devemos gloriar-nos na Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo em que está a nossa salvação, vida e ressurreição, por quem fomos salvos e resgatados». O Senhor se compadeça de nós e nos abençoe; olhe para nós com rosto sereno e tenha compaixão de nós. Nós devemos.

Quanto sentimos a permanência no meio destes monges e quão pertinho não estávamos da Obra que é a nossa Mãe! Cada pedra, cada folha que ora começa a tomar forma, cada flor, cada habitante desta mansão de paz—tem a sua mensagem para contar ao mundo. As chagas do lado, os cravos, os rasgos da cabeça do Justo são lavados pela brisa, sol e os passarinhos que daqui fazem o seu Altar!

Estamos longe, mas simultaneamente em Paço de Sousa. Divisamos o sinal do cenáculo que se renova todos os anos. O Mestre lava os pés aos discípulos. À mesa, os Pobres a presidir. Pobres em torno que são a legião dos gaiatos. Todos ricos porque mais pertinho do Coração Sublime!

Aqui, ali, em muitas bandas Cristo continua a ser esbofetado e o Calvário que ora é mais presente, continua a sua senda pelo ano fora!

—A quem buscais?

—A Jesus Nazareno.

Para quê? Para O honrarem? Não. Para O vendermos com um ósculo que fingimos ser de amor.

Mas Ele é Cristo; Senhor de tudo e deixa-se morrer? Que pode Ele? «O filho do Homem veio para servir e não para ser servido».

Mas nós não vemos obras. Só palavras recheadas de sentido literário e mais nada? Só para quem não quer abrir os olhos. Anda. Vem. Recolhe-te um pouco no meio destes monges de Paz, espargindo alegria a rodos. Visita as Casas do Gaiato, onde verás im-

pressos os estigmas de Cristo. Não falta tempo nem ocasião. Não escondas, para que o teu coração se abra. Se for somente violenta e alma ferida, tanto melhor que há comunhão permanente. Não é a Cortina de Ferro, Cuba, o ódio que massacra os países indefesos, as muralhas da alma; apenas o vosso entorpecimento, provocado pelas águas em que voluntariamente navegamos. O Eden que procuramos, não são as histórias de que trazemos cheia a mente mas Mais Além.

Quinta Feira Maior! As cerimónias vão-se desenrolando. Que simples e quão grande este colóquio com Deus! Mas o homem está em reverência perante outro homem tão ou mais pecador do que ele?

Uma árvore, depois de podada dará em mais abundância saborosos frutos. Os ramos extraídos parecem inúteis. Porém, se fizermos um enxerto, que na mente de muitos só serviria para o lume, voltará de novo à vida! A pessoa quando cai de joelhos, aumenta desmesuradamente em altura! Mas somos apontados pelos outros? Olhados com indiferença? Que importa? O que é do mundo pede o mundo.

Daniel Borges

BELEM

«Uma casa de família para as sem família»

Eu bem olho para o caminho mas, até à data, ainda não apareceram as pequeninas por quem espero. Que querem os senhores? Eu continuo só em Belém, sem uma colaboradora a quem possa entregar o governo da casa e do cuidado das «belenitas». De maneira que não posso ir buscar as novas aos locais onde esperam pelo dia da partida. Quem me dá essa grande ajuda são os Padres da Rua, mas ainda não lhes sobrou tempo para isso, dados os muitos afazeres das suas casas. Porém posso informar os interessados de que elas já aqui se encontrarão, quando estas linhas caírem sob os seus olhos, pois o Snr. Padre Carlos conta cá trazê-las dentro da semana que começa em 12.

Segue agora a lista dos donativos recebidos, que já ficou do número anterior.

x x x

20\$ de quem nos acompanha de todo o coração e outro tanto de quem pede uma oração pela saúde de seus filhos. Uma universitária de Coimbra marca presença com 50\$ e diz que o futuro moral e espiritual dum país, depende em grande parte, de obras como esta. De Avelar 100\$. Em reconhecimento por uma grande graça concedida, 50\$. Mais 50\$ com o número 11642. Por intermédio do Snr. Padre Horácio,

100\$ de Coimbra. Triste portuense envia 50\$ e pede uma esmola de uma Avé-Maria. Maria Cecília e seu marido, 50\$ como contribuição de Março. Mais outro tanto de alguém que deseja voltar. 100\$ duma portuense e de Maria Adelaide 20\$. Como primeira contribuição de alguém que promete voltar sempre que puder, 50\$. A assinante 848 envia 100\$. Outro tanto de N.R., pela conversão de uma pessoa amiga, pedindo um Pai-Nosso pela mesma. E mais 100\$ de uma Maria, para que Deus proteja e dê felicidade a uma pessoa amiga. De Maria Natereia, 30\$ em sufrágio da alma de sua Mãe. 20\$ do assinante 16097, em sufrágio da alma de seus pais e sogros. De anónimo P. 500\$. Uma «portuense qualquer» manda 20\$ e confia que Deus a ajudará a aparecer de vez em quando. 200 de Penafiel. E aqui temos novamente Maria Amélia com 50\$. Outro tanto de Maria Júlia, prometendo mandar mais, quando lhe for possível. Chegaram encomendas postais com roupas, de Vila Nova de Ourém (casaco, vestido e saia) de Abrantes 6 travesseiras, 6 almofadas, 6 toalhas; de Alfeizerão, 4 lençóis, 2 naperons, um retalho de tecido e 20\$; de Ordens oito lindos chales, em 3 encomendas; de Alges roupas usadas; 100\$ escudos em vale de Alda do Porto. Também em vale 50\$ de Maria Luiza, de Lisboa. Mais 100\$ em

vale, de Carmen. De pessoas que nos visitaram recebemos mais 100\$, mais 100\$, mais em nossa casa: 100\$, mais 100\$, 50\$; um saço de batatas mais outro de batatas e cebolas, bacalhau e boroas de milho; um cartucho de bolachas e outro de rebugados; mais rebugados e um bolo para festejarmos o dia de S. José; dois vestidos oferecidos por senhora amiga desta cidade; retalhos da Casa dos Lanifícios de Viseu. 20\$ de uma Deolinda de Vila das Aves. De Lourenço Marques, uma viúva envia 50\$ e de Luanda uma Maria marca presença com outro tanto, prometendo voltar, logo que possa. Finalmente, o assinante 11.119 envia 600\$ com estas palavras: «Tenho a satisfação de enviar a N., aqui junta, a quantia de 500\$ que representa a importância do aumento que ultimamente me foi concedido no meu vencimento, e mais 100\$ como donativo anual que estabeleço a favor dessa Casa».

Aqui termino, com muita pena de não haver espaço para transcrever outras passagens de cartas recebidas e fazer alguns comentários a propósito. Mas as almas de boa vontade mesmo assim hão-de encontrar muita matéria para meditação.

Por todo o apoio dado a Belém bem hajam!

Como direcção, só estas seis sílabas, distribuídas por três palavras, tão fáceis de fixar:

Inês—Belém—Viseu

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

Alguém se queixou que nos têm dado coisas e não se diz nada no jornal. É amargo dizer a razão porquê. É que é tão raro recebermos nesta casa qualquer coisa que só de longe a longe se fala no que nos dão no Tojal. O que aqui vai é de 1 de Janeiro para cá. Bem podíamos falar sempre no que nos dão. Lisboa é enorme e muito grande é esta casa, que a par do cuidado dos cem rapazes tem de conservar um enorme casarão que há pouco tempo levou telhado novo e precisa de janelas pintadas e de soalho novo. Os ratos surgem de qualquer lado. Já um me veio pedir para o mudar de cama pelo medo que tem deles. E vamos ter agora a amarguradamente suspirada energia. É necessário apetrechar convenientemente a carpintaria, serralharia e tipografia. Estamos a fazer a casa para o nosso Cândido que a virá dirigir. Mas quanto não se gastará? Se não fossem as falas do Snr. Padre Carlos a transparecer vontade de o fazer, nem podia pensar nisso. Que seja só para manter o pão de cada dia na mesa, e só o comeremos duas vezes ao dia; e a roupa no corpo (e ninguém anda com meias mesmo ao domingo) que fosse só para isso,

não é bastante o que recebemos. E Lisboa podia. Enquanto Pai Américo pôde dizer do Porto «quão tarde te conheci» que dizer de Lisboa que passados dez anos nos desconhece? Há por lá almas generosas, mas serão só estas? Uma assinante com 2.000\$, outra com 60\$ e igual de um visitante. Os empregados do Crédito Predial com 140\$ no Banco; e 250 de uma visinha do Lar que repete todos os meses em cartas cheias de ternura para os gaiatos. E 200 de Ester, que Deus tenha na Sua Paz. Uma visita muito amiga que quis estar muito discretamente conosco no dia do SS. Nome de Jesus. Mais 100\$ e 500\$ de uma promessa. E doutra um anel de ouro e vinte por intencões de M.F.F.. De ninguém, 70\$. Quem me dera ter tão pouco amor próprio para assim amar os outros!

Da Sociedade Petroquímica 1.500\$. Para as couves do Natal, 100\$. De uma amiga alentejana um porco já preparado. Raquel com 60\$. Empregados da Nestlé voltaram com 167\$50 e 189\$00 e 174\$50. 220 de uma família vizinha, que pelo Natal deu roupas. Um jogo amigável com o Colégio Manuel Bernardes e cumprimentos de alunos e Director com

350\$. Papel para a escola, da Fábrica de Cacia. Os quarenta litros de gasolina por cada mês do ano e as migalhas dos empregados da Mobil, a fazer 2.575\$ e 2.046\$.

De Adolfo R. 50\$. Para o Calvário 50\$ e roupas no dia do peditério de S. Sebastião onde os nossos rapazes recolheram 27.760\$, mais três anéis e uma medalha. Da Igreja do Campo Grande 3.827\$. Uns dias depois uma carta de Ana Bárbara que esconde na quantia o aprego de ser ignorada. Roupas da Calçada do Desterro. Da Senhora que dá o pão para o Lar todos os oito dias, uma gabardine e não sei quanto para o Património e há pouco tempo anêdoas, brinquedos e mil. Do nosso fornecedor de panos um grande embrulho de roupas e meias.

Mais por duas vezes dois sacos de pão da rua de Buenos Aires e a contribuição de toda a Família para os 30.000×20\$. M. A. S. 500\$ como pediu. Para o Património, da Escola Patrício Prazeres 4.500\$. Estes rapazes vão a meio da primeira casa. Tenho a certeza que com o seu director à frente hão-de chegar ao fim da 1.ª e entusiasmar-se por outras. Gente mais graúda tem menos força. E os Senhores do Banco de

Angola deixam agonizar a chama ao atravessar os treze mil? Que pena! Que os pobres fiquem à espera da generosidade sempre nova. Pois que sejam os novos a dar exemplo de generosidade. Viva a Escola Patrício Prazeres. Da Rua Espanca dois embrulhos com roupas e uma caixa de vinho do Porto. Também se gasta, com muito gáudio de todos. Ainda há para a Páscoa. Visitantes com 50\$.

Para a Casa do Laboratório Nacional de Engenharia Civil 5.970\$. Mário Beirão deixou em nossa casa cem. Visitantes com 50\$. Para as botas do Fátima 100\$. Se cada amigo de Lisboa me arranjasse calçado para cada um... Não peço novo. Eles são cem e quantos deles andam sem nada nos pés! Com uma oração pelo Marido 40\$. Uma amiga de Lisboa com roupas. Uma carrada de embrulhos do Montepio com uma data de meias oferecidas pelos nossos amigos de lá. Visitantes com cem. A comemorar o 1.º Natal passado com o filho, 20\$. Para o Pobre do Restelo 150\$ de Cruz da Beira. Foi preciso vir de tão longe, de propósito! Pois saiba para consolação que o Senhor Ministro da Saúde andou mais depressa. Ao

CONTINUA NA QUARTA PÁGINA

PELAS CASAS DO GAIATO



LAR DE COIMBRA

Estimados leitores, escrevo hoje simplesmente para registar o fim de mais um período escolar. De ano para ano o número de estudantes tem aumentado sempre, graças às facilidades do Colégio «Pedro Nunes» que está sempre de portas abertas para receber aqueles a quem a Obra pretende dar um pouco mais de possibilidades de singrar e vencer na vida. Actualmente, são onze, os estudantes que cá temos em casa — dois no curso comercial e os restantes no liceal, frequentando como já disse, o Colégio «Pedro Nunes».

O nosso Lar, quase o podemos considerar uma República Académica, e por tal motivo, é que a vida escolar na nossa casa, é a vida desta pequena comunidade.

Mas, como ia dizendo, terminou mais um período escolar. Foi vencida mais uma etapa e resta-nos apenas a última, o terceiro período, o que faz mais temor e causa as cólicas características, à medida que os exames se aproximam.

Presentemente, encontramos-nos em Miranda a passar as férias. É aqui que vimos, no fim de cada estafeta, ganhar novas forças e coragem para podermos prosseguir a passo firme e acelerado.

Oxalá, que quando terminar o ano lectivo não haja notícias tristes a dar aos estimados leitores, mas sim notícias alegres. É com este fim que vamos trabalhar, cheios de boa vontade, e de fé no indispensável auxílio de Deus.

Se Deus quiser, e não houver reprovações, teremos dentro em breve à frente das nossas escolas, a chamada prata da casa, tal como Pai Américo o sonhou.

Carlos Manuel Trindade

LAR DO PORTO

CONFERENCIA: Faleceu-nos uma Pobre que era a socorrida do Senhor Mesquita da Campanha «tenha o seu Pobre», a qual morava a uns passos da nossa Casa.

Era cancerosa em último grau. Ainda pequeno, logo nos princípios em que vim para este Lar, vi esta pobre mulher a sofrer e talvez por pequeno ser ainda, não compreendia bem a sua alegria.

Foi Pai Américo que nos mandou ir visitá-la semanalmente, não sei o

Varanda de Beire

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA

car das ervas e a plantação de novas espécies. É ainda ao som de cantares que os da criação deparam a hortaliça, assim como os da lenha carregam os molhos.

Tudo deslumbramento para os sentidos e riqueza para o espírito. Os senhores que aqui arribam confessam-no: e só temos muita pena mesmo que sejam tão poucos a mirar as belezas naturais que oferece a varanda de Beire.

O belo é o por si mesmo; não carece de eleição nossa. Não é pelo belo natural que nos apresentamos a esta Varanda. A par daquele há a nota discordante, a acusação permanente e idêntica à das restantes casas: o morador continua a ser o semi país, o proscrito, o incógnito, o garoto da rua. É por ele, e só, que aqui estamos e havemos de tornar. E até quando?

Que bem, se não fossem preciso mais as Casas do Gaiato!

Padre Baptista

porquê, mas concentre-se ele via algo de proveitoso para os confrades naquela criatura de Deus.

Foi então que compreendi a sua alegria. Era a alegria de sofrer. Pois uma pobre viúva assim doente e que tinha ainda a seu cargo um sobrinho um pouco anormal, o qual lhe fazia a comida sem ter prática alguma de cozinha e por vezes sem migalha de pão em casa. Pois tudo isto ela sofria com imensa alegria e resignação. Algumas vezes lhe perguntávamos, porque sofrendo tanto estava sempre tão satisfeita? Eis que ela nos dizia tão amigavelmente, como a convidar-nos a sofrer com ela: «para que havemos de nos revoltar contra Deus se tudo é d'Ele e nada nos pertence?»

Quem pode pregar melhor o Evangelho? É assim como esta muitos e mui os outros nos ensinam a Verdade e a Vida, por meio dos seus exemplos.

Ainda há pouco tempo uma das nossas Pobres com sessenta e nove anos, tirou da sua cama um dos três cobertores que tinha e deu-o a uma outra que tinha menos do que ela.

Nem só no Coliseu de Roma houve heróis e mártires, eles há-os por essas cidades, vilas e aldeias, espalhadas por esse mundo além. Eles há-os por detrás desses grandes hotéis e casinos a morrerem à míngua de fome, enquanto outros gozam das janelas este espectáculo, divertindo-se despreocupadamente.

Mas graças a Deus ajuda há quem atenda aos gritos dos desventurados da sociedade. Assim podemos apresentar as nossas redondas contas de 1958, que não irão muito a tempo, mas também ainda não é muito tarde para as apresentar.

Além das contas espirituais e materiais dos nossos Pobres que temos relatado quando nos tem sido possível. Alegremo-nos, no entanto, por ter havido corações bons e compreensivos, que pouco a pouco depositaram durante o ano, nas nossas pecadoras mãos, a importância de 28.657\$50, os quais foram distribuídos, da seguinte maneira:

RECEITAS	
Coletas	80\$30
Subscritores	6.334\$50
(Tenha o seu Pobre)	3.225\$00
Diversas	16.765\$30
Para a consoada do Natal.	2.252\$40
Total	28.657\$50

DESPESAS	
Em géneros	12.204\$00
Rendas de casa	6.840\$00
Funerais	250\$00
Conselho Particular	650\$00
Diversas	8.091\$10
Para o mês seguinte	622\$40
Total	28.657\$50

Isto, para roupas, remédios e outras coisas mais. Oxalá este ano possamos dar ao Pobre e receber dele tanto ou mais do que este ano findo.

Seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fernando Dias

Venda do Jornal

NO PORTO

Leitores. Nem só zelar pela venda em Aveiro está sob o meu cargo. Embora não tenha feito referência à venda do Gaiato no Porto, também esta me compete. E passo agora a pôr cobro a certos problemas que nos estão a afligir.

A nosso ver, a venda na cidade do Porto parece estar sempre ao normal, mas não. Na última dezena de meses, tem baixado. Não sei porquê. Os vendedores são quase sempre os mesmos, embora houvesse uma pequena modificação; julgo que o puvo do Porto também não modificou; porque a sede da Verdade, tanto é de ontem como de hoje. Há talvez uma parte para onde o nosso pensamento pode ser levado, — o nosso desleixo. Ah!

Abre a procissão com chave de ouro. «Não quis ao receber o meu primeiro ordenado ser a única a beneficiar, esquecendo aqueles que necessitam mais do que eu. Será, pois, em acção de graças, do muito que tenho recebido». E manda 2.000\$00. O dinheiro é espada de dois gumes na mão do homem. Ou instrumento de morte ou de salvação. A escolha depende da vontade livre. Traz felicidade quando não se quer «ser a única a beneficiar, esquecendo os que mais necessitam». É mesmo assim. «Tomo a liberdade de enviar 250\$ parte de um aumento como professor oficial em V. N. de Gaia». Da Rua da Corticeira, as mesmas gotas de sangue de sempre: «junto 20\$ e mais 20\$, por este mês ter tido mais trabalho». Bençito seja Deus! Outra migalha de 20\$ «para os nossos pobres». E há os que se violentam livremente obrigando-se com uma contribuição mensal. É uma maneira de fugir ao egoísmo e ao prazer alicianante escondido por detrás das moedas e das notas. Uns vêm com 25\$ mensais (M. I.) e quando se atrasam, pagam por junto. Ora vejam: «envio

Da que nós necessitamos

50\$ ou sejam 5\$ por cada mês de idade de meu filho». Que beleza! Este pai não encontra outra maneira de festejar o crescimento do filho senão dando aos Pobres. De Angola o mesmo testemunho: «200\$00 para liquidação do meu débito de Janeiro e Fevereiro». É do assinante 1953. A Auto Comercial Ouro do Porto, comemora o segundo aniversário e manda-nos 2.000\$. O pessoal da Mobil Oil com 53\$50. De Inhambane o carinho e o aumento de um mês de ordenado, 354\$. Ai vão os 50\$ do costume «para a que só dá pão ao filho quando barrega. Vou atrasada, mas que me perdoem». Três vezes cem para a «viúva da Nota da Quinzena» e para ajudar a mãe a alimentar o seu filho». «Cá vimos com a nossa ajudazinha e até ao próximo mês se Deus quiser». Esta coluna é de Vivos. É vossa: «ofereço 620\$ para que Deus me dê saúde para poder trabalhar e criar os meus três filhinhos». Não sei

de quem é. Deus sabe. De Matozinhos 200\$ e 20\$ da «Avó de Moscavide» e 10\$ da Praia da Granja. Migalhas grandes e pequenas fazem a boroa dos nossos Pobres. Da Repor um vale de 350\$ e no Espelho da Moça—300 + 100 + 10.

Vem de Moscavide, de um casal há um ano constituído: «É esta a primeira vez que vos escrevo enviando-vos 50\$, primeiro aumento de ordenado recebido por meu marido. Que todos os contemplados com o aumento se lembrem dos Pobres. Reze para que Deus abençoe o meu lar enviando-me um filho para se consagrar a Ele, mas peça primeiro que nos faça dignos pais de tal filho». Que nos perdoe a indiscreção se a houve, mas é uma página viva para dar vida.

De toda a parte nos chegam notícias: De Vila Real, 50\$, «aumento de meu ordenado». 20\$ de Matozinhos e 50\$ de Leiria; a Viúva de oito filhos não foi esquecida. Os Pobres do Barredo também não. Estive lá em Sábado Santo. 50\$ de Coimbra e outro tanto de «uma pecadora». Da Areosa acrescentam 10\$ por «alma de minha mãe».

«Leio sempre o jornalzinho de ponta a ponta como se estivesse a ler uma oração. Apenas no fim me fica sempre uma grande dor, de não poder contribuir como queria para ajudar a tornar a vida mais suave aos Pobres». Roupas da Covilhã, de Luanda e de Riba D'Ave.

«Dois amargurados» repartem com os Pobres a sua dor—50\$. 40\$ de um «Grupo de Funcionários Corporativos» e 100\$ de Lourenço Marques. 70\$ de Vale de Figueira e o dobro do Laboratório Normal. «Um Lobitanga» manda duas de 100. Mais aumentos de ordenados. «Tenho a alegria de enviar 464\$50». O Pobre do casal R. D. não é esquecido nos meses de Janeiro, Fevereiro e Março. De Lisboa os 50 do costume e 20 de um anónimo de S. João da Madeira com vontade de dar mais. Outro tanto para um gaiato de nome Mário. Mil de «uma Maria» pela alma do Pai e dos Avós. Metade a um cecirone que tudo entregou e outros 500\$ de S. Paulo. Notas de cem de Lisboa, Porto, Rio-meão «em Acção de Graças pelos benefícios que Deus me tem concedido». Maria e Manuel assinam o ponto deste mês também com 100\$. E «uma Mãe» cumpre a promessa para com os Pobres do Barredo com outros 100\$. E a fechar: «Fui uma das pessoas que vi melhorado o meu vencimento. Desejo sinceramente compartilhar convosco a alegria que senti com esta melhoria, oferecendo um dia de trabalho. Procuro assim mostrar a Deus o meu agradecimento pela felicidade de ter serviço que me permite ganhar com dignidade o que me é preciso para viver».

FERIAS FORÇADAS EM ORDINS

Há um ano que aqui manifestei o desejo de construir um edifício para Centro da assistência que em Ordins se faz aos necessitados. Se, por um lado, era um assunto que se impunha, por outro, era de todo impossível contar com Ordins para erigir obra de tal monta. Com autorização superior, começou-se, no bolso, apenas, um nada de dinheiro. A Casa de Jesus Misericordioso, (ou Casa das Tecedeiras), vai

prosseguindo. Já liquidei mais de 54 contos. Daqui se vê que o dinheiro nestas obras é a última coisa a pensar. Espero, dentro de meses, alojar ali a Senhora dos Pobres, que bem merece um pouco mais de conforto, do que o que tem na casa tomada de aluguer. Era outro problema sério a resolver, a vinda para Ordins duma serva dos Pobres. Funcionária? E o fim do mês? E como pagar-lhe? O Senhor ajudou a resolver tudo. Não é funcionária. É alguém que tudo deixou, para se entregar, de alma e coração, aos Pobres. Vive a sua vida, os seus anseios, as suas alegrias e tristezas. E os problemas vão-se avolumando: E como manter em pé a Casa das Tecedeiras? Como solver as dívidas mensais? O Senhor providenciará. Assim o espero. Comecei por Ele e por Ele quero terminar, para que tudo chegue a bom termo e se realize em bem.

UM PEDIDO

Um nosso Assinante precisa dos números: 107, 115, 170, 288 e 331, para completar a sua colecção. Em contrapartida poderá dispôr de alguns números que tem repetidos.

x x x

isso sim! Para aí, já se pode acelerar o pensamento porque o caminho é quase certo. Também não se pode dizer que a nossa campanha tivesse influido na venda, porque 75 por cento dos assinantes recebidos, vieram da Província.

Também passo a dar conhecimento aos nossos leitores que quando há uma discussão entre os vendedores e os não vendedores, relembrando tempos antigos, os primeiros falam logo nas duas circulares que mandamos dentro do jornal, as quais fazem parte da «Campanha dos cinquenta mil», e ainda dizendo que em tempos idos não havia tantos assinantes. Será?

Os leitores não esmoreçam da «Campanha» para que não possamos fazer mais perguntas desta natureza, e para dizermos com mais convicção que sim, que foi a Campanha.

Atenção Aveiro: dois amigos que partiram. Não esqueçam a nossa Obra, e muito boa viagem.

Alberto de Oliveira Ramada

De Coimbra: «O vosso apelo do último número de O Gaiato sob o título de «Férias Forçadas em Ordins» obrigou-me a um profundo exame de consciência». Como resultado vieram 500\$00, para 6 chales dos pequenos, que foram agasalhar as pequeninas de Belém.

Da R. do Monte Olivete—Lisboa, escrevem: «fiquei tão satisfeita com o chale que me mandaram, que peço que me enviem mais 5». Também da R. de Moçambique — Lisboa mais um pedido e «que em breve acabem as férias em Ordins». São estes os votos que formulei perante 100.000 leitores do Famoso.

Padre Aires

P.e Manuel António



VISTAS DE DENTRO

Uma notícia que já é tradicional, mas que a crescente falta de espaço no Famoso obriga a dar à estampa tão atrasada é o «Balanço de 1958» dos cicerones. A tempo horas eles mo entregaram. Os senhores perdoem-me por só hoje, mas «vale mais tarde...».

Guilhufe III	31\$00
Preto	20\$00
Zé Pacóvio	55\$00
Xico II	561\$50
Zé Luis Bucha.....	619\$10
Pipas	397\$00
Saraiva grande	691\$30
Zé Bolas	122\$60
Assinaturas antigas	8.030\$00
« novas	230\$00
Livros «Barredo» 29	580\$00
« Doutrina» 37	740\$00
Leonardo	254\$00
Marito	2.176\$80
Baptista	346\$40
Coelhinho	397\$10
Sr. Padre Manuel ...	554\$70
Sr. Padre Carlos.....	3.069\$50
Tónio	396\$00
Melo	264\$60
Russo	478\$60
Cocas	625\$50
Xico I	137\$90
Quim de Perózelos ...	157\$50
Manuel Bucha	57\$50
Campa	3.727\$00
Faisca	205\$00
Fagulha	427\$10
Néquitá	882\$20
Jornais vendidos 137	137\$00
Marmelo	122\$20
Caracas	60\$50
Cândido Pereira ...	1.500\$00
Peixeira	122\$50
Sr. Padre Zé Maria	1.411\$50
Calvário	50\$00
Postais 5.450	13.625\$00
Ofertas	14.989\$40

TOTAL 58.253\$00

CHEFES:

Fabião, Girafa, Miguel e Tónio

Devo acrescentar agora que esta receita diminuiu muitíssimo este ano. Não sei se foram menos visitantes, se deles menos generosos. Uma outra causa houve, com certeza, e essa a que mais nos pesa: a molençuisse dos actuais cicerones.

x x x

É um castigo! Mal acaba o serviço que pus sobre a sua secretária, aí vai ele, escada abaixo, sem perguntar se é preciso alguma coisa mais. São vezes e vezes que eu tenho de assomar à janela e chamar em alta voz: «olha que ainda preciso de ti!», de tão inesperado e veloz na sua saída.

Outro dia procurei saber do seu «bicho carpinteiro» quando aqui está, no escritório de Pai Américo. «É que lá em baixo estou mais à vontade», se desculpou.

Isso sei eu! Lá em baixo é mais fácil entremear o trabalho e a brincadeira, porque está «mais à vontade».

Aqui estou eu a o pé. A coisa é mais torcida!

Resta dizer que ele é o meu chefe de gabinete, lugar onde sofro de muitos modos muitos tormentos.

x x x

Outro dia P.e Manuel António diz-me que daria um salto a Penafiel. Resolvi aproveitar a viagem e arrumar por lá umas voltas em atraso.

Chegamos à furgoneta. P.e Manuel apertava nas suas duas mãos um gordo feixe de paizinhos com os seus 30 cm de comprimento.

Foi então que soube que se aderira aqui à campanha contra o pé descalço. Muito bem. Há muito que ao menos no inverno, eu ambicionava trazer a malta toda calçada. Mas que é de sapateiros capazes de dar vazão? Esse problema mesmo já fora conferenciado entre mim e P.e Manuel... O que eu nunca me lembrara nem sabia ainda era da solução encontrada: chancas... Chancas com sola de pau e cabedal branco a servir de gáspeas. P.e Manuel ia por elas a Penafiel e cada um daqueles paizinhos era uma medida dos numerosos pares de pés que há cá por casa.

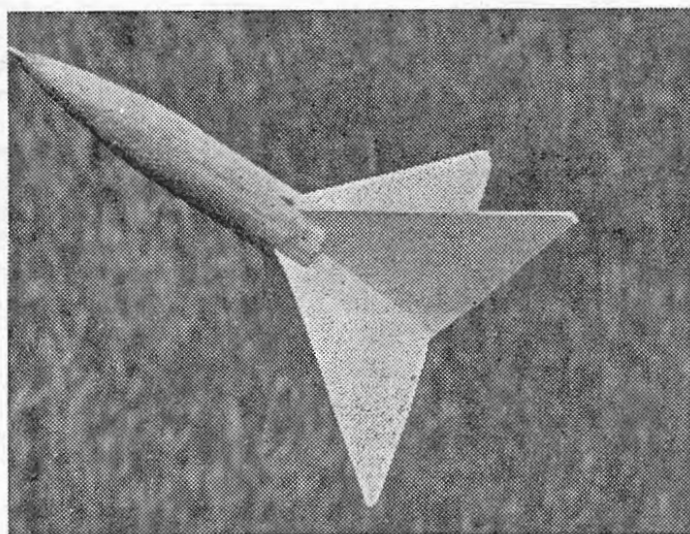
Tudo muito certo! Tudo muito bem!

Agora o que os senhores não queiram saber é o barulho por esses corredores e escadas com dúzias deles calçados de chancas com solas de pau!

x x x

É sabido que volta e meia aí temos nós uma revoada nova de «brinquedos». São as andas, os piões; os arcos mai-las ganchetas; e as carrelas...

Porém há dias surgiu a última palavra: Um foguetão! Nem mais nem menos que um pau afilado, terminando à



Eis o foguetão!

frente por um prego e atrás por uma cauda de cartolina quadripartida. Coisa perfeita! Simplesmente, o foguetão em vez de demandar a lua ou o sol e sair portanto, do nosso horizonte em trajectória vertical, este destinava-se a uma trajec-

tória parabólica, e verticalmente interrompida por qualquer obstáculo penetrável ao prego, como por exemplo: uma porta.

Ó Céus! Foi uma revolução nos espaços astrais cá da casa!

Valeu mesmo ter sido Padre Manuel António o descobridor do novo engenho, senão... ter-se-iam visto as estrelas ao meio-dia!

x x x

Aqui há tempos houve uma festa que meteu filhoses. Girafa, alfaiate de seu officio, e que nem por isso é muito devoto de se chegar ao trabalho, apresentou-se voluntariamente à senhora a oferecer-se para ajudar nos fritos.

A senhora ia a cair... eis senão quando a malta da casa-mãe, se levanta em aclamação: «Ó minha senhora, o que ele quer é comer».

E amigo Girafa não teve outro remédio, senão voltar à agulha e ao decal.

x x x

As vezes acontece-me chegar ao escritório e encontrar sobre a mesa de trabalho bilhetinhos. Daniel é o primeiro entre os correspondentes. Um dia destes dou com o seguinte:

«Notícias para o Snr. Pe. Carlos.

O jornal x é uma coisa que não chega a ser coisa.

Li o F. Tem pose natural para o jornalismo, mas não há dúvida que tem grande bagagem. Onde vais 2.º grau!

—Logo às 9,45 pode sintonizar a Emissora Nacional, Lisboa 2, donde vai para o ar: «Frei Luis de Sousa». Não é uma adaptação. É a transmissão tal qual o escritor, o que

dará mais valor literário. — Washington, 30—Parece que o Snr. Padre Carlos está melhor e o Snr. Padre Manuel anda com constipação mecânica. Para mais informes pode ler hoje o «Diário de Calves».

O que nos dão no Tojal

CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁGINA

outro dia já lá não estava. Visitantes com 25\$. Da Erral 50\$ e visitantes com mais 50 e 50 com pedido duma missa pelas almas. Mário Beirão com 100\$ Um vale com não sei quanto numa carta. Uma telefonia e roupa da travessa de S. Sebastião. Um jantar melhorado no Lar e roupa e 50

SETÚBAL

CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁGINA

ele foge de noite, que não aparece à escola, que vai pedir e gasta o dinheiro em cigarros, que até já lhe quis bater, etc., etc.

Não o trouxe. A superlotação obriga-nos a esta dureza!

Sempre quis saber a opinião de Cabanas e, há dias, à queima-roupa, enquanto limpava o pó, perguntei-lhe:—Cabanas, porque nunca me pediste para aceitar o teu irmão? Como se fosse electrochocado este meu filho parou, empalideceu e fixando-me disse:—«Nós já somos tantos e o Sr. vê-se arrasca para nos arranjar de comer...». E enquanto balbuciava: «Eu era com o meu irmão», quatro lágrimas abundantes saltaram dos seus olhos cheifinhos de beleza e ficaram-lhe na face a adornarem os estígnas de sofrimento que ela tem marcado. Eu emudeci. Era para isso. Fiquei a pensar no valor infinito dum homem. Qualquer dia virá também o irmão.

Se os homens não conhecem o valor do mesmo homem, apreciá-lo a Deus que o criou. É por causa deste valor imenso que te conto estes dois processos.

Padre Acílio

Padre José Maria

CAMPAÑA DE ASSINATURAS

ULTRAMAR: As províncias de além mar continuam a marcar uma presença viva. Ali é Portugal bem Português. Reparem nesta carta de um Médico, de Vila Mariano Machado—Angola:

«Em nome de minha Mulher, junto o impresso para a Campanha de assinaturas do jornal «O GAIATO», e no qual constam os nomes de pessoas angariadas, e que com muito boa vontade desejam também colaborar na grande Campanha do vosso Famoso.

Não são, infelizmente, em número elevado, os novos assinantes, mas são pessoas que garantem — assim o julgo — uma ajuda certa e regular».

O nosso Colaborador diz que os assinantes não são, infelizmente, em número elevado, mas, ainda assim, teve de colar um apêndice à circular de todos conhecida! Ao todo são 11 deles e de várias terras d'Angola: Cubal, Ganda, Quibala, Nova Lisboa, Uige, Babaera e Vila Mariano Machado.

Da Costa Oriental temos notícias da Beira. Os Empregados da Shell, tão falados cá no Famoso, aproveitaram a ocasião de pôr contas em dia e mandaram outra série de assinantes. Isto é que é ser Amigos!

Notámos, também, a presença de Mutuáli e Inhambane.

Além do que já viram, recebemos boas notícias de: Marinhas, Torres Novas, Lamego, Monção, S. Tomé do Castelo (Vila Real), Almada, Porto de Mós, Gondomar (é uma terra incansável!), Ovar, Candal, Gaia (desta banda também vêm tantos!), Assafarge e Coimbra. Do Porto e Lisboa, que havemos de dizer? Que o Porto encheu-se um nadinha de brios. Mas Lisboa não pára...

Concluindo: Até ao dia 3 de Março registámos 1.662 óeles. Graças a Deus.

Júlio Mendes